

Representações de Gênero no Tradicionalismo Gaúcho¹

Gabriela Liedtke Becker - bolsista do grupo PET de Ciências Sociais

Orientação: Prof^a. Dra. Miriam Adelman

O texto a seguir busca uma reflexão inicial acerca das representações do masculino e do feminino em discursos do chamado “tradicionalismo gaúcho”. Para tanto, discutiremos as caracterizações das figuras da ‘prenda’ e do ‘peão’, considerando os comportamentos, sentimentos, hábitos e práticas ‘adequados’ e ‘recomendados’ pelo discurso do movimento para cada uma delas. Em um segundo momento, nosso objetivo é refletir sobre algumas possibilidades de transgressão dessas “convenções de representação”, no espaço das práticas equestres dentro movimento; a intenção é pensar sobre como se dá a relação de homens e mulheres com as atividades que envolvem o cavalo – forte elemento simbólico no tradicionalismo gaúcho.

O movimento tradicionalista no Rio Grande do Sul

(...) através da difusão e preservação da nossa cultura e de nossos valores morais, temos a possibilidade de dar base a uma sociedade harmônica, colaborando assim com o bem coletivo, o progresso e a evolução de um povo que tem como ideal os princípios de Liberdade, Igualdade e Humanidade.²

O chamado “tradicionalismo gaúcho”³ surge na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, por iniciativa de um grupo de estudantes secundaristas no final da década de 1940. Como aponta Ruben Oliven (1990), a maioria desses jovens é oriunda de áreas pastoris do interior do estado, filhos de pequenos proprietários rurais ou de estancieiros, e que vêm à capital para completar seus estudos. Quando chegam a Porto Alegre, tais jovens encontram uma nova configuração social, marcada pelos processos de êxodo rural, pela transformação das cidades e da agricultura devido às novas tecnologias, e pelo impacto crescente da indústria cultural norte-americana. Para eles, essa realidade é ao mesmo tempo uma novidade e uma ameaça; encontram na

¹ Como um primeiro exercício de reflexão de meu trabalho monográfico, esse trabalho foi apresentado no IV Diálogos do PET, evento realizado entre os dias 17 e 20 de maio de 2010, na Universidade Federal do Paraná.

² Texto sobre os princípios do Tradicionalismo, disponível em <http://www.mtg.org.br/principios.html>.

³ Refiro-me aqui ao ‘tradicionalismo gaúcho’ como movimento organizado, experienciado e praticado hoje nos CTG’s, os Centros de Tradições Gaúchas. Claudia Pereira Dutra explica que no final do século XIX já existiam entidades destinadas ao culto das “tradições gaúchas”, na cidade de Porto Alegre. Entretanto, não são reconhecidas pelo “tradicionalismo atual” como células de tal movimento (DUTRA, 2002, p.20-21).

capital uma “metrópole cheia de labirintos e de símbolos de progresso como os anúncios luminosos a gás neon” (Oliven, 1990, p. 14). Frente a esse novo contexto, os fundadores do movimento incomodam-se com os “estrangeirismos” que, segundo eles, invadem o modo de vida urbano e contribuem para que as pessoas deixem de lado a “tradição” e o típico modo de vida das regiões interioranas. Descontentes com o impacto da indústria cultural, argumentam que essa, através de meios como o rádio e o cinema, faz com que indivíduos discordem dos padrões culturais antigos e busquem novos hábitos e estilos de vida.

As transformações descritas acima são consideradas por esse grupo como causa de um processo de desintegração da sociedade, que deve ser combatido através da “vivência” das tradições rio-grandenses, a qual trás aos indivíduos uma vida mais harmônica e tranqüila. Tal noção fica clara na passagem do texto “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo”, escrito em 1954 por um dos idealizadores do movimento, Barbosa Lessa. Para ele, naquele momento, a cultura ocidental, e particularmente a cultura gaúcha, estão

sofrendo um assustador processo de desintegração. (...) É nos grandes centros urbanos que esse fenômeno se desenha mais nítido, através das estatísticas sempre crescentes de crime, divórcio, suicídio, adultério, delinquência juvenil e outros índices de desintegração social. Analisando tais circunstâncias, mestres da moderna Sociologia chegaram à conclusão de que problemas sociais cruciantes da atualidade são causados, ou incentivados, pelo relaxamento do controle dos costumes e noções tradicionais de cada cultura.⁴

Para os tradicionalistas, o enfraquecimento das culturas locais é o principal fator contribuinte para essa desintegração e ‘dissolução’ social, seguido do processo de desaparecimento dos ‘grupos locais’, que são considerados como espaços comunitários de transmissão da cultura. Em tais grupos, vividos no antigo e saudoso ambiente campeiro, havia um maior nível de cooperação entre os indivíduos. A vida nas cidades, o crescimento da imprensa e as transgressões sociais, ao contrário, trazem, segundo eles, o desaparecimento desses espaços. Como coloca Oliven (1990), os idealizadores do

⁴ Luiz Carlos Barbosa Lessa (1954), disponível em www.mtg.org.br/valor. Analisando esse trecho escrito por Lessa, é necessário ressaltar a referência feita por ele aos ‘mestres da moderna Sociologia’. Como explica o antropólogo Ruben Oliven (1990), Barbosa Lessa estudou durante um ano na Escola de Sociologia e Política de São Paulo e lá foi influenciado pelo pensamento social do final do século XIX e começo do século XX, relacionado aos processos de urbanização. Tal pensamento era marcado pela idéia durkheimiana de anomia social, que embora não seja citada por Lessa, está presente em sua concepção sobre a desintegração social existente na época. Oliven afirma que “o Movimento Tradicionalista Gaúcho é, sem sabê-lo, um dos maiores difusores das idéias das ciências sociais norte-americanas da década de quarenta” (1990, p. 28).

movimento, diante das novas experiências urbanas, reagem defendendo o apego ao que concebiam como seguro e claro, ou seja, ao campo e ao passado.

Para reviver essa segurança trazida pela tradição, buscam “recriar o que imaginavam ser os costumes do campo” (1990, p. 15). Para tanto, no ano de 1947, o grupo de jovens idealizador do movimento funda, dentro do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o Departamento de Tradições Gaúchas; no ano seguinte, cria o primeiro Centro de Tradições Gaúchas. Tal centro surge pensado como um novo ‘grupo local’, destinado a integrar os indivíduos e reforçar os elementos da tradição, configurando-se como um ambiente familiar que protegeria os gaúchos dos problemas exteriores. Nas palavras do tradicionalista Barbosa Lessa, os CTG’s são criados “para que todos os indivíduos que compõem a Região sintam os mesmos interesses, os mesmos afetos, e desta forma reintegrem a unidade psicológica da sociedade regional”, e devem funcionar como “agremiações de cunho popular, que têm por fim estudar, divulgar e fazer com que o povo “viva” as tradições rio-grandenses”. No ano de 1966 funda-se oficialmente o organismo que visa unificar as regras para o tradicionalismo gaúcho: o MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho. Esse órgão passa a determinar as normas de funcionamento de todos os CTG’s, centros que se multiplicam ao longo dos anos por o todo o Rio Grande do Sul, mais tarde em outros estados e até em outros países⁵.

As figuras do tradicionalismo: ‘peões’ e ‘prendas’

O “gaúcho” – e seu modo de vida específico – é reelaborado no tradicionalismo, com base na existência (ou na suposição de existência) de um passado rural e harmônico, e passa a ser vivido dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho, por meio das práticas nos CTG’s. Tal figura masculina, caracterizada pelo ‘peão’ é, nas palavras de um dos fundadores, a “idéia nuclear das Tradições Gaúchas”⁶; ou seja, como elemento de destaque do discurso tradicionalista, pode ser considerada a figura protagonista do movimento. Ela é representada pela imagem do homem da estância, valente e forte, de botas e bombacha, que sente saudade da vida campeira, de seu

⁵ O Movimento Tradicionalista Gaúcho é hoje uma associação civil, sem fins lucrativos, que “tem por objetivo congregar os Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins e preservar o núcleo da formação gaúcha e a filosofia do movimento tradicionalista, decorrente da sua Carta de Princípios e expressa nas decisões dos Congressos Tradicionalistas” (Estatuto do MTG, disponível em www.mtg.org.br/documentos).

⁶ Luiz Carlos Barbosa Lessa (1954), texto disponível em www.mtg.org.br/valor.

cavalo, das rodas de chimarrão e do espaço de confraternização e harmonia entre os “peões”.

A partir da “reinvenção” desta figura masculina, o discurso tradicionalista constrói também a figura da mulher tradicionalista, a “prenda”. Inicialmente, na formação do tradicionalismo gaúcho, a presença feminina não é concebida nos CTG’s – os encontros e reuniões que organizam inicialmente o movimento são todos freqüentados estritamente por homens. Aproximadamente dois anos após a sua criação, algumas mulheres são convidadas a participar de reuniões tradicionalistas. Como explica Cláudia Pereira Dutra, em “A Prenda no Imaginário Tradicionalista” (2002), o movimento viu-se obrigado a construir, a ‘inventar’ uma identidade feminina tradicionalista, baseado nos discursos correntes no estado sobre a mulher – que traziam um modelo de feminilidade baseado na doutrina católica e em concepções positivistas. O termo “prenda” é escolhido pelos idealizadores do movimento para representar uma mulher meiga, pura e ingênua⁷.

Os tradicionalistas criam uma série de elementos simbólicos que foram dando “forma” e inserindo essa figura feminina dentro do imaginário tradicionalista. Elegeu-se uma vestimenta, o ‘vestido de prenda’ e também uma gama de atividades e práticas (dentre elas, principalmente a dança) que estariam de acordo com as ‘características femininas’ concebidas por aqueles homens, naquele período. Dutra afirma que o movimento criou um discurso que manteve o “imaginário da existência de características ‘naturais’ ao sexo feminino, como recato, delicadeza e submissão (presentes na prenda) em oposição às características masculinas” (2002, p. 53), que seriam os elementos representados pela figura do “gaúcho”, associados à força, à valentia e à liberdade.

Dentro do objetivo maior do projeto tradicionalista, que seria a recuperação e a conservação dos costumes tradicionais, a mulher surge representada como uma ‘parte’ muito importante na transmissão da herança social gaúcha. Por possuir em sua “essência” atributos femininos relacionados ao cuidado, à afetividade, à delicadeza e à graciosidade, ela é responsável pelo bom funcionamento do lar, da família, pela educação das novas gerações – ela é imaginada pelo movimento como a “guardiã moral dos bons costumes” (Idem, p. 70). Assim, de acordo com o discurso tradicionalista, a

⁷ Os tradicionalistas viram-se obrigados a escolher um novo termo para designar a mulher, pois no passado utilizava-se a palavra “china”, termo que passou a ser sinônimo de ‘prostituta’ no Estado. Assim, chamá-la de ‘china’ não era adequado, visto que o movimento visava recuperar costumes tradicionais, de um tempo de pureza e integração social (DUTRA, 2002, p. 49).

mulher, como “mola-mestra” do lar, possui uma função primordial dentro da família nuclear. Como coloca Maria Rita Kehl (2008) a família nuclear surge nos séculos XVIII e XIX, criando um padrão de feminilidade que segue presente no imaginário social até os dias de hoje. Esta feminilidade surge por meio de uma intensa produção de discursos, aparecendo como

o conjunto de atributos próprios a todas as mulheres, em função da particularidade de seus corpos e da sua capacidade procriadora; a partir daí, atribui-se às mulheres um pendor definido para ocupar um único lugar social – a família e o espaço doméstico –, a partir do qual se traça um único destino para todas: a maternidade. A fim de melhor corresponder ao que se espera delas (que é, ao mesmo tempo, sua única vocação natural), pede-se que ostentem as virtudes próprias da feminilidade: o recato, a docilidade, uma receptividade passiva em relação aos desejos e necessidades dos homens e, a seguir, dos filhos (KEHL, 2008, p. 48).

Essa construção sobre o feminino está presente na representação da figura da ‘prenda’, que tem como principal função, usando aqui os termos de Kehl, “promover o casamento, não entre a mulher e o homem, mas entre a mulher e o lar” (Idem, p. 44). Como também argumenta Dutra (2002), o imaginário tradicionalista constrói nessa figura um “modo de ser feminino, maternal, recatado, fraternal, paciente e forjado no sacrifício” (DUTRA, 2002, p. 103).

A partir disto, podemos pensar o Movimento Tradicionalista Gaúcho como uma organização e um espaço que, além de ditar os comportamentos e práticas adequados a uma sociedade integrada e harmônica, também “ensina” modos adequados de ser homem e de ser mulher, como argumenta Luis Orestes Pacheco (2003). Em seu trabalho sobre “Como o Tradicionalismo Gaúcho Ensina sobre Masculinidade”, argumenta que o tradicionalismo no Rio Grande do Sul, desde a sua fundação até os dias atuais, distribuiu de forma hierárquica os lugares destinados à mulher e ao homem dentro das práticas tradicionalistas, vividas nos CTG’s. Pacheco explica que a idéia de recuperação de uma solidariedade vivida no ambiente rural – no galpão da estância, nas antigas fazendas – baseia-se em padrões de comportamento que devem lembrar um tipo de “clube masculino”. Portanto, construído apenas por homens, o movimento tradicionalista nasce e segue ao longo das décadas baseado em padrões de homosociabilidade. Por meio de uma sociabilidade delimitada como masculina, que se constrói através de um processo de exclusão das mulheres, como argumenta Miriam

Adelman⁸, os homens criam e praticam uma série de atividades vividas cotidianamente na esfera pública. Essas práticas aparecem altamente valorizadas e prestigiadas nos discursos do movimento tradicionalista – como, por exemplo, na definição das atividades realizadas nos ‘galpões’, que devem ser recriados pelos CTG’s. Considerado um ambiente masculino, o galpão define-se, conforme um dos principais dicionários de termos tradicionalistas e regionalistas, como um espaço que

serve de abrigo e aconchego à peonada da estância e a qualquer tropeiro, viajante ou gaudério que dele necessite. No galpão se prepara e se come o churrasco, se toma chimarrão, e, também nele, nas horas de folga, ao redor do fogo, se improvisam reuniões que participam democraticamente patrões e empregados, viajantes, tropeiros, carreteiros e gaudérios, nas quais se contam causos de guerra, de tropeadas, de carreteadas, de serviços de campo, de caçadas, de pescarias, de amores, de assombrações, ao mesmo tempo se bebe uma canha, se toca uma cordeona, se dedilha uma viola, se canta uma modinha ou se cita uma décima⁹.

Em contrapartida, as mulheres foram barradas desse espaço de socialização considerado fundamental ao ‘modo de vida gauchesco’. Às mulheres destinaram-se as atividades menos valorizadas e silenciadas, do espaço privado, como as atividades domésticas e “culturais”, como as danças, os artesanatos, a culinária, etc. Como argumenta Dutra (2002), a mulher gaúcha, representada pela ‘prenda’, é uma figura essencial no movimento tradicionalista, mas diferente da figura masculina, possui um papel secundário. Existem limites claros entre a atividade masculina e a atividade feminina dentro do movimento: a mulher está atrás, cooperando. Já o homem está a frente coordenando. O espaço da ‘prenda’

segue reduzido à condição de mulher resignada, de boa esposa e mãe, pois o objetivo não é destacar-se no espaço público; ela participa apenas para auxiliar os homens que conduzem o Movimento, cumprindo o papel de ordenamento ou de educadoras das novas gerações, que têm acesso ao conhecimento para transmitir aos futuros líderes do Movimento (DUTRA, 2002, p. 107).

Como também ressalta Ruben Oliven, “a figura que é exaltada quando os tradicionalistas falam no Rio Grande do Sul é sempre a masculina, cabendo à mulher o papel subalterno de prenda” (1990, p. 26). Logo, “é a figura do peão e do seu inseparável cavalo que tomam lugar de destaque, tendo como cenário o campo, o meio

⁸ ADELMAN, Miriam. Women who ride: constructing identities and corporalities in equestrian sports in Brazil. (No prelo).

⁹NUNES, Zeno C. e NUNES, Rui C. Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. 1984.

rural, o galpão (...)" (Pacheco, 2003, p. 51). Assim, nas representações das figuras masculinas e femininas dentro do tradicionalismo, o homem viril, montado em seu cavalo, aparece como uma figura oposta à imagem da mulher, representada como naturalmente frágil, delicada, e que possui um corpo adequado apenas para os afazeres do lar. Essas atividades, como os artesanatos, a culinária, o cuidado dos filhos, estão de acordo com o físico feminino. Portanto, nessa representação que toma a condição física e "natural" da mulher como delimitadora para as suas atividades, não parece condizente, a princípio, pensarmos em uma 'prenda' que realiza atividades com o cavalo. Ou seja, da maneira como é pensada nos 'moldes' do tradicionalismo, a 'prenda' não 'sobe no cavalo' – esta prática está destinada aos homens. É sobre esta 'possível relação' da mulher com o cavalo – forte elemento simbólico no tradicionalismo gaúcho, ligado à representação e ao espaço da masculinidade – que pretendo discutir a seguir.

O envolvimento da mulher com o cavalo: um desafio à noção de fragilidade?

Discutidas as representações de feminilidade e masculinidade presentes no discurso tradicionalista, nas figuras do 'gaúcho' e da 'prenda', cabe um questionamento em relação ao alcance dessas representações no plano do concreto, ou seja, como elas informam as ações de homens e mulheres no universo tradicionalista, vivido dentro dos CTG's. Os limites colocados nos discursos do movimento sobre os modos de viver a masculinidade e a feminilidade são fortes, mas podemos indagar se eles são absolutos. Como explica Dutra (2002), o movimento buscou uma "síntese" da mulher gaúcha ao construir a figura da 'prenda'. Entretanto, hoje ele admite, ao mesmo tempo, outras atividades femininas, que vão além das atividades colocadas como adequadas à 'natureza frágil' da mulher. Segundo ela, podemos encontrar mulheres que participam, por exemplo, de provas campeiras, provas realizadas com cavalos – de montaria, de laçada, etc. Essas seriam mulheres que não condizem com a idéia original do movimento em relação a 'prenda'. Conforme essa autora, elas "aí exercem um 'papel masculino', despojando-se da condição de *prenda* para exercer estas funções"; ou seja, elas não representam o símbolo feminino elaborado pelo tradicionalismo (2002, p. 108).

Exemplos de mulheres que parecem fugir da representação da 'prenda' estão no livro "A Cavalo, Anita Garibaldi!", escrito pela geógrafa e folclorista Elma Sant'Ana (1993). A autora discorre sobre o chamado "Piquete Anita Garibaldi", um movimento surgido em 1992, com o objetivo de unir as tradicionalistas, por meio da realização de

cavalgadas femininas. O nome do movimento foi escolhido em homenagem à “heroína” da Revolução Farroupilha, Anita Garibaldi. Ao falar sobre este movimento, Sant’Ana relata histórias sobre mulheres que passaram a participar de cavalgadas antes ou depois da criação do piquete¹⁰. Trazendo alguns depoimentos das participantes, a autora busca argumentar que elas consideram as cavalgadas como uma “demonstração de amor à terra” – ao Rio Grande do Sul – e que até pouco tempo atividades desse tipo, com o cavalo, eram exclusividade dos homens. Entre os depoimentos relatados no livro, encontramos questionamentos com relação à noção de um corpo feminino frágil e incapaz de realizar a atividade eqüestre, noção que aparece representada no tradicionalismo gaúcho pela figura da ‘prenda’. O objetivo colocado por essas mulheres, ao realizar as cavalgadas femininas, não era de “competir, mas sim ter a oportunidade de mostrar que não apenas os homens podem cavalgar”, como explica Sant’Ana (1993, p. 86). Conforme a escritora, a inspiração que levou essas mulheres a criarem o “Piquete” está no

amor por esta terra, por esta gente. Amor pelas tradições deste povo. Amor pela aventura, de se saberem fortes e ousadas, de não guardarem posição inferior à do homem, numa sociedade machista organizada pelo homem e para o seu desfrute (Idem, p. 114).

O que podemos perceber nos depoimentos e histórias trazidos no livro sobre o “Piquete” de mulheres, é que além da busca por “viver” a tradição, elas estão buscando também, no envolvimento com o cavalo, sentimentos de aventura, valentia e força. Ao afirmarem que também podem cavalgar, estão construindo outras histórias, resignificando as suas corporalidades; ou seja, desafiando a noção de um corpo feminino fraco e delicado, que não deve ser exposto às atividades mais ousadas e perigosas. Segundo uma cavaleira, “as mulheres só precisam de incentivo, pois todas as condições de cavalgar elas têm, é só se acostumar” (Idem, p. 90).

Em “O Desafio das Amazonas: a construção da identidade de mulheres como atletas do hipismo clássico (salto) brasileiro” (2004) Miriam Adelman entrevista um grupo de mulheres praticantes de hipismo em Curitiba, e afirma que todas elas enfatizam em suas falas que tanto homens quanto mulheres possuem a mesma habilidade de exercer domínio das técnicas do esporte eqüestre. Embora este seja um

¹⁰ Ruben Oliven esclarece que um piquete poderia ser considerado como uma entidade tradicionalista que “se dedica somente às atividades campeiras, deixando de lado as culturais e sociais que seriam próprias aos CTG’s” (1993, p. 35).

contexto diferente em relação ao das mulheres do piquete Anita Garibaldi, as falas desses dois grupos de agentes sugerem a possibilidade de questionarmos se, e de que maneira, essas atividades com o cavalo contribuem para uma subversão ou para um ‘contra-discurso’ em relação às práticas e representações da corporalidade feminina. Segundo Adelman, os estudos sobre a participação feminina em esportes equestres podem

lançar luz sobre a forma como certas práticas esportivas desafiam as convenções que definem os corpos das mulheres como sexuais e os corpos dos homens como poderosos, tema que tem sido debatido tanto dentro como fora do mundo dos esportes (2004, p. 302).

A partir disso, nosso objetivo aqui é refletir a respeito da possibilidade da participação feminina em cavalgadas, provas campeiras e demais atividades equestres, dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho, configurar-se como um desafio à representação de fragilidade colocada para a mulher gaúcha na figura da “prenda”. É necessário pensarmos também a respeito da possibilidade de existência de um imaginário sobre a mulher gaúcha paralelo ou complementar a esse imaginário sobre a “prenda”; ou seja, pode existir ao mesmo tempo a representação de uma mulher gaúcha belicosa, forte e guerreira. Esse imaginário está presente, por exemplo, na figura de Anita Garibaldi, homenageada pelas mulheres cavaleiras descritas por Elma Sant’Ana.

Essa participação feminina nas práticas equestres pode ser colocada também como um questionamento do predomínio dos padrões de homosociabilidade – padrões que definem a maioria das atividades valorizadas dentro do tradicionalismo, como as atividades dos “peões” com os cavalos. Como coloca ainda Adelman,

apesar da cultura de homosociabilidade persistir e impor uma estrutura de gênero em muitos aspectos da vida diária no Brasil, o monopólio do homem em espaços públicos – seja no trabalho ou no lazer –, ela está sendo constantemente questionada e renegociada, quando não é arduamente questionada. A “invasão” das mulheres nos esportes equestres é um exemplo fascinante disso, particularmente dentro de grupos de classe populares ou de trabalhadores (...) aonde a dominação masculina tem estado mais distante das formas contemporâneas de contestação cultural¹¹.

Por meio de um trabalho de campo, pretendemos aprofundar essas discussões realizadas até aqui. Buscaremos compreender de que forma essas representações de

¹¹ ADELMAN, Miriam. Women who ride: constructing identities and corporalities in equestrian sports in Brazil. (No prelo), (tradução minha).

feminilidade e masculinidade, que envolvem ideais de comportamentos e atividades para homens e mulheres, relacionam-se com as noções e práticas que os agentes desses processos possuem. A idéia inicial com relação à pesquisa empírica é analisar, em eventos do MTG-PR (Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná), as atividades denominadas como “rodeios campeiros”, que possuem atualmente participação masculina e feminina. Realizando uma vivência nesses espaços e entrevistando esses agentes – homens e mulheres ‘tradicionalistas’ em Curitiba – almejamos uma reflexão sobre como as questões colocadas nesse artigo se definem nessas práticas.

Referências Bibliográficas

ADELMAN, Miriam. **O gênero na construção da subjetividade: entendendo a “diferença” em tempos pós-modernos.** Coletânea Gênero Plural, ADELMAN, M., SILVESTRIN, C. (org.). Curitiba: Ed. UFPR, 2002, p. 49-61.

_____. **Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina.** Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003.

_____. **O Desafio das Amazonas: a construção da identidade de mulheres como atletas e Amazonas do hipismo clássico (salto) brasileiro.** In: SIMÕES, Antônio Carlos e KNIJNIK, Jorge Dorfman (orgs.). O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. **Women who ride: constructing identities and corporalities in equestrian sports in Brazil.** (No prelo).

DUTRA, Cláudia P. **A Prenda no Imaginário Tradicionalista.** Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002. 126f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2002.

KEHL, Maria R. **Deslocamentos do Feminino.** Rio de Janeiro, Imago, 2008.

OLIVEN, Ruben George. **A construção social da identidade gaúcha**. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS. Porto Alegre, v. 11/12, 1983/84.

_____. **“O maior movimento de cultura popular do mundo ocidental”: o tradicionalismo gaúcho**”. Cadernos de Antropologia. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS. Porto Alegre, n. 1, 1990.

_____. **A polêmica identidade gaúcha**. Cadernos de Antropologia. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFRGS. Porto Alegre, n.4, 1992.

_____. **A dupla desterritorialização da cultura gaúcha**. In: FONSECA, C. (Org.). Fronteiras da cultura. Horizontes e territórios da antropologia na América Latina. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1993. p. 24-40.

PACHECO, Luis Orestes. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. 60f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

SANT’ANA, Elma. **A Cavalito Anita Garibaldi!: piquete Anita Garibaldi**. Porto Alegre: AGE, 1993.